

Brasil iniciará este mês negociações com FMI

BRASÍLIA — O Brasil deve iniciar as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), ainda este mês, paralelamente às negociações com os bancos credores, segundo informações de graduados funcionários do governo. O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e o diretor da dívida externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, viajam sábado para Nova Iorque, mas só na segunda-feira iniciam as conversas com os credores.

Fontes do governo explicaram que o acordo com o Fundo é inevitável, e, já que tem de ser feito, "é melhor que seja o mais breve possível, para facilitar as negociações com os bancos credores". A expectativa é de que o acordo de médio prazo esteja concluído até o início de fevereiro.

A previsão de funcionários governamentais é de que os credores não esperarão pela Constituinte para definir o acordo com o Brasil. Se houvesse esta exigência, segundo uma fonte, não teria sentido o presidente do Banco Central se deslocar agora aos Estados Unidos sem ter qualquer perspectiva de concluir o acordo. Apesar de estarem confiantes num acordo de médio prazo, que

englobe a renegociação dos juros e do principal a vencer até 89, os funcionários acreditam que ele ficará muito aquém do desejado pelo país.

— Não podemos esperar um acordo muito satisfatório. Será o melhor dentro das nossas possibilidades. Na verdade, nenhum país conseguiu um acordo satisfatório até agora — admitiu um funcionário do governo.

Milliet e Seixas, além de um grupo de assessoramento, também discutirão com os credores a troca da dívida por bônus. Em dezembro, a missão dos funcionários brasileiros que esteve em Nova Iorque para negociar com os credores, ainda chefiada por Fernão Bracher, apresentou propostas sobre o assunto, que agora serão examinadas. A possibilidade de o Brasil conseguir um sistema de troca da dívida por bônus semelhante ao do México está praticamente descartada porque, segundo o diretor da área externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas, o país não tem reservas que permitam a compra dos títulos americanos para lastrear os seus próprios títulos.